

Formação teológico-pastoral na tradição das Assembleias de Deus: experiências, ênfases e desafios

Pastoral theological formation in the tradition of the Assembly of God: experiences, accents and challenges

Formación teológico-pastoral en la tradición de las Asambleas de Dios: experiencias, énfasis y desafíos

Ricardo Bitun

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a formação teológico-pastoral das Assembleias de Deus no Brasil. Com um conciso histórico do seu início e a tradição deixada por seus fundadores suecos, procura-se mostrar de que maneira a cosmovisão dos fundadores influenciou sua formação teológica. Pontua-se sua principal ênfase doutrinária – o Batismo no Espírito Santo – e sua aversão ao estudo sistemático das Escrituras.

Palavras-chave: Assembleia de Deus; doutrina, teologia

ABSTRACT

The present article intends to be a reflection on the theological and pastoral formation of the Assembly of God Church in Brazil. With a concise description of their beginning and the heritage left by the Swedish founders, and the demonstration of how the *cosmovision* of the referred founders have influenced their theological formation. It has been also pointed out their main doctrinal emphasis – the baptism with the Holy Spirit – as well as their averseness to the systematic study of The Scriptures.

Keywords: Assembly of God, doctrine, theology

RESUMEN

El presente artículo es una breve reflexión sobre la formación teológico-pastoral de las Asambleas de Dios en el Brasil. Con una concisa sinopsis histórica de sus comienzos y de la tradición que sus fundadores suecos dejaron, procuramos demostrar de qué manera la cosmovisión de sus fundadores influenció la formación teológica de la iglesia. Para tal fin, puntuamos su principal énfasis doctrinaria, el bautismo en el Espíritu Santo, bien como su aversión al estudio sistemático de las Escrituras.

Palabras clave: Asamblea de Dios – doctrina – teología

Introdução

Antes mesmo de falar sobre o programa de formação teológico-pastoral da Igreja Assembleia de Deus no Brasil, é necessária uma pequena pausa para situar essa denominação dentro do campo religioso brasileiro e, nesse campo, localizar seu possível endereço, para então, refletir sobre a formação teológico-pastoral, a partir de um *ethos* pentecostal, que remonta às suas origens, com a chegada dos primeiros pentecostais ao Brasil encharcados de uma cultura avessa à academia e ao denominacionalismo de origem.

O chamado pentecostalismo moderno no Brasil se dá com a vinda dos primeiros missionários pentecostais, no início do século XX, que formariam mais tarde duas das grandes denominações pentecostais: a Congregação Cristã no Brasil (1910) e as Assembleias de Deus (1911). Este pentecostalismo, que inclui as Assembleias de Deus, é denominado pelos cientistas da religião como *pentecostalismo clássico*, por categorizarem forte acento na necessidade do Batismo no Espírito Santo e rígido afastamento dos padrões de conduta socialmente estabelecidos.

Esses acentos do pentecostalismo clássico os diferenciam do neopentecostalismo formado a partir das décadas de 70 e 80¹, com igrejas como a Universal do Reino de Deus (IURD), a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), e, mais recentemente, a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), entre outras. Assim, *grosso modo*, as Assembleias de Deus situam-se neste espaço litúrgico-doutrinário, equidistante tanto do protestantismo reformado histórico como do neopentecostalismo.

Para tecer considerações acerca da formação teológico-pastoral das Assembleias de Deus, é preciso compreender suas origens. O início épico com a chegada ao Brasil de bravos missionários suecos², assim como a conturbada passagem pela Igreja Batista em Belém do Pará e o propalado fervor pentecostal, com forte ênfase na oração pietista e na experiência da glossolalia³ (falar em línguas estranhas, desconhecidas), marcam de ma-

¹ Para conhecimento mais aprofundado do assunto, vide (BITUN, 2007; CAMPOS, 1995; FRESTON, 1993; ROMEIRO, 2005; MARIANO, 1999).

² A mentalidade da Assembleia de Deus carrega as marcas dessa dupla origem: da experiência sueca das primeiras décadas do século, de marginalização cultural; e da sociedade patriarcal e pré-industrial do Norte/Nordeste dos anos 30 a 60. Nas últimas décadas, o maior contato internacional tem sido com os Estados Unidos (FRESTON, 1993, p. 37).

³ A glossolalia evidencia-se ao longo da história. Até mesmo a Assembleia de Deus concorda com o falar em outras línguas no decurso da história do cristianismo (Anderson 1979: 26). O falar em línguas, no chamado movimento pentecostal moderno teve como precursores nomes como: Ricardo G. Spurling, ministro licenciado e pastor da Igreja Batista em Tennessee, USA. Tomlinson e Parham, no início do século XX. Charles F. Parham (1873-1929) é tido como o pai do pentecostalismo moderno, tendo criado o Lar de Curas Betel (1898) e o Colégio Bíblico Betel (1900), em Topeka, Kansas, o qual ensinava que a evidência do Batismo com o Espírito Santo seria sem dúvida a glossolalia. Deste ponto em diante se desenvolveu o movimento pentecostal, perseguindo o Batismo com o Espírito Santo e sua evidência visível, a glossolalia.

neira bastante significativa a formação teológico-pastoral das Assembleias de Deus no Brasil.

Desde seus primórdios, quando ainda no Pará nasciam os primeiros traços das Assembleias de Deus, com ênfase na glossolalia ou como é mais comumente chamado, o “Batismo no Espírito Santo”, se configurava como a que viria a tornar-se a doutrina diferencial dessa denominação. O início da Igreja se confunde com a ênfase dada a essa doutrina e sua implantação. Foi a partir da afirmação desta doutrina que Berg e Vingren⁴ são excluídos da Igreja Batista e fundam a Igreja das Assembleias de Deus.

Abrigados na Igreja Batista em Belém, PA, tanto Berg como Vingren, insistiam na doutrina do Batismo no Espírito Santo, batismo este confirmado através do dom de línguas estranhas ou dos anjos. O primeiro confronto desta doutrina com a chamada igreja protestante no Brasil se dá no início do século XX, quando o Pastor batista Raimundo Nobre da Igreja de Belém, exclui todos “os partidários do Movimento Pentecostal” (CONDE, 2000, p. 32).

Berg e Vingren chegam ao Brasil e trazem em sua bagagem não só o “Batismo no Espírito Santo”, como também toda uma cosmovisão que marcou-lhes durante o tempo que estiveram em seu país de origem e, que determinará por décadas a formação teológico-pastoral de seus líderes. Segundo Freston, Berg e Vingren,

Pertenciam a uma minoria religiosa marginalizada. Desprezavam a igreja estatal com seu alto status social e político e seu clero culto e teologicamente liberal. Desconfiavam da Social Democracia, ainda tingida pelo secularismo [...] por isso, eram portadores de uma religião leiga e contra-cultural, resistente à erudição teológica e modesta nas aspirações sociais [...] acostumados com a marginalização, não possuíam a preocupação com a ascensão social tão típica dos missionários americanos formados no denominacionalismo [...] em vez da ousadia de conquistadores, tinham uma postura de sofrimento, martírio e marginalização cultural” (FRESTON, 1993, p. 91).

Essa visão de mundo trazida na bagagem dos resistentes pioneiros influencia o distanciamento dos pentecostais de qualquer meio acadêmico⁵. As Assembleias no Brasil, especialmente na fase de implantação, desencora-

⁴ Gunnar Vingren, pastor batista, nasceu em South Bend, no Estado de Indiana. Atraído pelos acontecimentos ocorridos em Chicago, dirige-se para esta cidade onde recebe o Batismo no Espírito Santo. Conhece Daniel Berg, outro jovem sueco que também havia passado pela experiência pentecostal.

⁵ Segundo Nañez (2005, p. 27), “... no início de 1800, muitas igrejas nos EUA começaram a experimentar uma mudança radical. Por várias razões, tal mudança começou a separar o coração da inteligência, a fé da razão, a experiência da lógica, a crença da reflexão e o intelecto da emoção. Em poucas palavras, a mente e o espírito foram colocados um contra o outro, como inimigos mortais [...] Durante as fases de formação da ‘religião renovada’ da América (1800-1850), muitos entre as massas religiosas criticaram seve-

javam seus membros e líderes a buscarem estudos teológicos e recomendavam absoluta cautela aos estudantes universitários, advertindo-os dos perigos existentes no aprofundamento de estudos chamados de “mundanos”.⁶

Avessos à erudição teológica e levados a suspeitar do intelecto, os pentecostais assembleianos de maneira geral resistiam até poucos anos atrás ao estudo sistemático da Bíblia Sagrada, alegando ser prejudicial à fé. Criou-se um *status quo* tal que, tornou-se motivo de orgulho e pretensa espiritualidade, os tropeços gramaticais ou ênfases errôneas, como “bença do Senhor” ao invés de “bençãos do Senhor”, “grória” em lugar de “glória”, e assim por diante.

Nessa cultura de resistência à academia criada pelos fundadores das Assembleias de Deus no Brasil, cria-se algo parecido a uma “coleta seletiva” de um segundo evangelho dentro do próprio Evangelho. Ou seja, selecionam-se textos na Bíblia que endossam uma postura anti-intelectualizante, interpretam-se e repetem-se de forma sistemática, até que pareçam formar todo o evangelho. Textos como os do Apóstolo Paulo à Igreja de Coríntios (1Co 1.18-21 e 8.1) são destacados e interpretados como se o apóstolo, como o próprio Deus, desprezasse o intelecto, a reflexão e o conhecimento.

Textos tirados do contexto, como 2 Coríntios 3.6: *“o qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica”*, foram muito utilizados para confirmar, biblicamente, que o conhecimento traz a reboque o orgulho e somente o amor é capaz de edificar, em detrimento do conhecimento, pois, como categoricamente enfatizam, “a letra mata, mas o espírito vivifica”.

Em relação à herança cultural de seus fundadores verifica-se que muito da cultura sueca da época – final do século XIX e início do século XX – concorreu para a formação da mentalidade assembleiana brasileira. A Suécia da virada do século muito diferia do denominacionalismo norteamericano. Alguns líderes assembleianos⁷ afirmam que somente com a transição do poder dos “suecos” para uma liderança nacional, com apoio

ramente as ciências como uma adversária da fé e da Bíblia. A arte pura do pensamento crítico foi reclassificada como ‘pensamento negativo’, e este, inserido na mesma categoria da crítica ateísta das Escrituras. A inteligência dada por Deus foi imprecisamente considerada a ‘deusa razão’ e por isso redefinida como inimiga da fé.”

⁶ É comum se ouvir dos pastores mais antigos que, quando preletores e mesmo pastores eram convidados a falar em suas igrejas, o simples uso de esboço da mensagem indicava falta de espiritualidade do pregador convidado, porquanto aquele que possuía o Espírito Santo não necessitava de esboços ou coisa parecida. Em recente palestra proferida, o Prof. Dr. Paulo Romeiro, ex-seminarista católico, que engrossou, a partir da década de 70, as fileiras das Assembleias de Deus, assim testemunhou sua experiência de conversão junto àquela igreja. *“Alguns obreiros frequentemente me chamavam para advertir quanto aos meus estudos. Diziam que bastava ao crente o curso ginásial, o resto seria aprendido através da Bíblia, ensinado pelo Espírito. Descreviam os estudos, em especial a academia como algo terrível que rapidamente me esfriaria na fé fazendo-me andar nos caminhos do mundo ao invés dos de Deus”*.

norte-americano, foi incentivado o estudo sistemático das Escrituras, possibilitando uma formação mais acurada de seus líderes.

O modelo humilde, pobre e marginalizado trazido pelos referidos missionários suecos, caracterizou por muito tempo a formação teológico-pastoral das Assembleias de Deus no Brasil em seu início, como também ao longo dos 40 anos em que a Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB)⁸ esteve à testa da organização. A marginalização sofrida por esses missionários em seu país de origem é reforçada em seus discursos e prática. Assumiam a postura de trabalharem para a formação de uma igreja que, teria em sua maioria, pessoas marginalizadas e excluídas da sociedade, e que não precisariam de um clero intelectualizado e diferenciado. Uma igreja que basicamente se volta para a evangelização dos pobres e marginalizados, sendo sectária e condenando os valores que julgavam mundanos, danosos a sua espiritualidade. O mundo moderno,

... com suas tentações, corrupções e inovações, iam contra os princípios puritanos e, principalmente contra os movimentos de santidade (*holiness*) iniciados nos Estados Unidos, os quais, tiveram grande influência sobre o início do movimento pentecostal. Até hoje estes traços se fazem sentir no meio do “arraial assembleiano”. Costumes rígidos, tais como: cabelos compridos, batons, maquiagens pesadas, calça comprida para mulheres, cabelo curto para os homens, a proibição ao uso da televisão, etc., são mantidos por líderes, que são avessos à mudanças. O Pr. José Wellington, presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus, declarou num jornal da própria denominação: “Não é costume [da AD usar] brincos, etc. Não somos retrógrados, desejamos [apenas nos conservar] irrepreensíveis... Não danifiquem a Assembléia de Deus, ame-a ou deixe-a” (FRESTON, 1993, p. 46).

⁷ Não conseguimos que nenhum líder consentisse em gravar esta afirmação, senão apenas conversas informais junto a estes líderes mais antigos.

⁸ As Assembleias de Deus possuem duas principais convenções no Brasil, Ministério Madureira e CGADB (Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil). A CGADB foi idealizada pelos pastores nacionais, visto que a igreja estava na responsabilidade dos missionários suecos e deram os primeiros passos em reunião preliminar realizada na cidade de Natal, RN, em 17 e 18 de fevereiro de 1929. A primeira Assembleia Geral da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil foi realizada entre os dias 5 e 10 de setembro, onde se reuniu a maioria dos pastores nacionais e os missionários que atuavam no País. As primeiras resoluções emanadas em Assembleias Convencionais de pastores das Assembleias de Deus foram emitidas nas Assembleias Gerais dos anos de 1933 a 1938. Nessas Assembleias Gerais deram-se longos debates sobre as características e identidade da igreja, o que hoje são conhecidas como “usos e costumes”. As primeiras resoluções também tratavam acerca de alguns pontos doutrinários, principalmente no que se referia à conduta dos obreiros e que deveriam caracterizar a igreja sendo adotados por todas as Assembleias de Deus no Brasil. Abaixo da CGADB estão as Convenções Estaduais com autonomia para tomar suas decisões desde que estas não firam o estatuto da CGADB. Por exemplo, nenhuma pessoa física pode ser associada à CGADB a não ser por intermédio das Convenções Estaduais.

Assim, até algumas décadas atrás, as Assembleias de Deus resistiram bravamente aos embates contra as investidas de um mundo, segundo sua visão, imerso no pecado, assombrado por “modernismos”, potencializados por uma academia perversa, levando à frente sua doutrina mais preciosa, o Batismo no Espírito Santo.

A ênfase doutrinária do batismo no Espírito Santo⁹

Desde seus primórdios, quando ainda no Estado do Pará nasciam os primeiros traços das Assembleias de Deus, com a ênfase na glossolalia ou o chamado “Batismo no Espírito Santo”, configurando-se como marca de que seria a sua doutrina diferencial. Abrigados pela Igreja Batista em Belém, Berg e Vingren insistiam na doutrina do Batismo com o Espírito Santo, que se confirma através do dom de línguas estranhas ou dos anjos.¹⁰

Tendo sobrevivido à prova dos duros anos enfrentados pelas Assembleias de Deus, ainda hoje esta doutrina é destaque em seu corpo doutrinário. Em um livreto intitulado “Nossas Doutrinas Básicas”, três páginas são dispensadas para explicar o Batismo no Espírito Santo, assim como sua evidência física, enquanto que doutrinas como as ordenanças da Igreja, Batismo e Ceia, ocupam uma página e meia¹¹.

A introdução ao estudo sobre o Batismo no Espírito Santo¹² inicia-se com a seguinte afirmação: “Todos os crentes têm direito de receber o batismo no Espírito Santo e, portanto, devem esperar e, desejosamente, buscar a promessa do Pai, de acordo com o mandamento de Nosso Senhor Jesus Cristo” (AS ASSEMBLEIAS DE DEUS, 2008, p. 9). Todo cristão, sem exceção, deve buscar a promessa do Batismo como um direito dado por Deus a ele, cristão. Há algumas igrejas Assembleias de Deus que

⁹ A Bíblia de Estudos Pentecostal orienta que a preposição “com” é a partícula grega em que pode ser traduzida como “em” ou “com”. Da mesma forma, “batizados com água” pode ser traduzido “batizado em água”.

¹⁰ O primeiro confronto desta doutrina com a chamada igreja protestante no Brasil se dá no início do século XX, quando o Pastor Batista Raimundo Nobre da Igreja de Belém, exclui todos “os partidários do Movimento Pentecostal” (CONDE, 2000, p. 32).

¹¹ Para se ter uma ideia mais exata sobre a ênfase dada à doutrina do Batismo com o Espírito Santo, percebemos neste mesmo livreto sobre as doutrinas básicas das Assembleias de Deus as seguintes constatações quanto ao espaço dado a cada doutrina, senão vejamos: sobre a inspiração divina da Bíblia Sagrada utiliza-se meia página (p. 2); sobre ser Deus o único e verdadeiro, meia página (p. 2-3); sobre Cristo ser verdadeiramente Deus, meia página (p. 3-4); sobre a queda da humanidade, meia página (p. 4-5); sobre a salvação da humanidade, uma página e meia (p. 6-7); sobre cura divina, uma página (p. 16); sobre o reino milenar de Cristo, uma página (p. 18); sobre o juízo final, uma página (p. 19); sobre novos céus e nova terra, meia página (p. 20).

¹² Utilizo o termo Batismo no Espírito Santo da mesma maneira como indicado no livro, ainda que se tenha certa divergência entre os pentecostais sobre a real conceituação do termo se Batismo no Espírito Santo, ou Batismo com o Espírito Santo.

ainda hoje não “consagram”¹³ obreiros (diáconos, presbíteros, pastores e evangelistas) se não manifestarem o dom de línguas estranhas.

Acerca da definição mais exata do termo, Araujo (2007, p. 119) comenta

... Ser batizado no Espírito significa experimentar a plenitude do espírito (At 1.5; 2.4). Este batismo teria lugar somente a partir do dia do Pentecostes (Lc 1.15,16), Lucas não emprega a expressão “batizados no Espírito Santo”. Este evento só ocorreria depois da ascensão de Cristo (At 1.2-5; Lc 24.49-51; Jo 16.7-14). O Livro de Atos descreve o falar noutras línguas como o sinal do batismo no Espírito Santo (At 2.4; 10.45,46; 19.6) [...] O batismo no Espírito Santo outorgará ao crente ousadia e poder celestial para este realizar grandes obras em nome de Cristo e ter eficácia no seu testemunho e pregação (At 1.8; 2.14-41; 4.31; 6.8; 1Co 12.7) [...] O batismo no Espírito Santo permanece na vida do crente mediante a oração (At 4.31), o testemunho (At 4.31,33), a adoração no Espírito (Ef 5.18,19) e uma vida santificada (Ef 5.18).

“Como saber se uma pessoa foi realmente batizada no Espírito Santo? Qual a evidência externa, se é que há, para confirmar o ocorrido?” Para esta pergunta a resposta é taxativa:

O batismo dos crentes no Espírito Santo é acompanhado pelo sinal físico inicial de falar em outras línguas (línguas não aprendidas em estudos de idiomas) quando o Espírito de Deus lhes concede expressões audíveis (Atos 2.4). Esta forma de falar em línguas é basicamente a mesma quanto ao dom de línguas (1Co 12.4-10.28). A diferença está no propósito e uso (AS ASSEMBLEIAS DE DEUS, 2008, p. 10).

Argumentam, para tanto, que o Batismo no Espírito Santo era “a experiência normal de todos os crentes da Igreja Primitiva... Com a experiência vem a provisão de poder para a vida cristã vitoriosa e trabalho frutífero” (AS ASSEMBLEIAS DE DEUS, 2008, p. 9). Segundo as Assembleias é “um evento à parte da salvação da pessoa”, com o que o cristão passará a experimentar:

Plenitude do Espírito [...], uma aprofundada reverência a Deus [...], um compromisso intenso para com Deus e dedicação à Sua obra..., e um amor mais ativo por Cristo, por Sua Palavra e por aqueles que ainda não se tornaram crentes” (AS ASSEMBLEIAS DE DEUS, 2008, p. 9).

¹³ As Assembleias de Deus separam os chamados obreiros, homens e mulheres dispostos a realizarem a obra de Deus, consagrando-os para o serviço da igreja.

Quanto à sua importância assim descreve o documento:

A ênfase sobre o batismo no Espírito Santo é o foco maior do movimento pentecostal. Alguns não-pentecostais acham que os pentecostais acentuam esta doutrina e a pessoa do Espírito Santo para negligenciar os outros membros da Trindade (Deus o Pai, e Seu Filho, Jesus Cristo) e as doutrinas básicas da fé cristã, por exemplo: salvação e santificação. Mas, um exame minucioso no currículo ensinado e na literatura publicada pelos grupos pentecostais mostra um equilíbrio em reunir os pontos de ênfase da Palavra de Deus. Cremos que depois de séculos de negligência da cristandade, os pentecostais têm trazido de volta para a experiência cristã uma ênfase apropriada sobre a pessoa e obra do Espírito Santo (AS ASSEMBLEIAS DE DEUS, 2008, p. 10)

Por fim, as Assembleias afirmam categoricamente que o Batismo no Espírito Santo “é obra separada e posterior a salvação... e, é sempre acompanhada inicialmente pela expressão audível de línguas”. Em outro livreto onde se descreve a identidade das Assembleias de Deus, sua história, doutrina, costumes, etc., destaca-se a seguinte afirmação sobre a doutrina do Batismo no Espírito:

A doutrina que distingue as Assembleias de Deus de outras igrejas diz respeito ao batismo no Espírito Santo, como ponto mais alto da característica pentecostal, que prega os dons espirituais, curas divinas, milagres e a libertação espiritual de vidas. As Assembleias de Deus crêem que o batismo no Espírito Santo concede aos crentes vários benefícios como estão registrados no Novo Testamento. Estes incluem poder para testemunhar e servir aos outros; uma dedicação à obra de Deus; um amor mais intenso por Cristo, sua Palavra, e pelos perdidos; e o recebimento de dons espirituais (At 1.4,8; 8.15-17). As Assembleias de Deus crêem que quando o Espírito Santo é derramado, Ele enche o crente e este fala em línguas estranhas como aconteceu com os 120 crentes no Cenáculo, no Dia de Pentecostes, entre eles o apóstolo Pedro (AS ASSEMBLEIAS DE DEUS, 2008, p. 7).

Formação atual

Em conversas com pastores e líderes ligados às mais diversas convenções estaduais de São Paulo, muito da resistência ao conhecimento e a academia já não mais são vistos dentro das Assembleias de Deus. São raros os líderes que se opõe a uma formação mais sólida. Para tanto, é crescente o número de fiéis que procuram, tanto os institutos bíblicos como os seminários em busca de um conhecimento teológico mais consistente, tanto em seminários da denominação como fora dos arraiais assembleianos.

Em convenções recentes da CGADB, concluiu-se a necessidade da formação teológica para pastores e líderes. Em entrevista realizada com destacado líder membro da CONFRADESP (Convenção Fraternal Interestadual das Assembleias de Deus Ministério do Belém no Estado de São Paulo), este afirmou,

Para ser um pastor na Assembleia de Deus o candidato deve ter pelo menos de dois a três anos de membresia, ter experiência como cooperador junto à Igreja local, passar a obreiro, e se desejar sua caminhada, o aspirante ao pastorado deverá fazer o curso básico de Teologia, passar a trabalhar como diácono, tendo no mínimo a matrícula de ingresso ao curso médio em Teologia. Como diácono, ou presbítero, deverá realizar o curso de bacharel em Teologia, para que possa ser consagrado pastor ou evangelista.¹⁴

A formação teológica está sendo cada vez mais exigida dos pastores e líderes da denominação. A própria CPAD (CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS) tem se esmerado na publicação crescente de livros na área teológica, atendendo, segundo seus editores, a uma necessidade da própria igreja.¹⁵

O movimento pentecostal, em especial, a Assembleia de Deus, tem paulatinamente se distanciado do chamado movimento neopentecostal, com isso alterado seu tradicional perfil. Seu assentamento histórico tem acontecido concomitantemente com seu interesse nos estudos sistemáticos, na produção de literatura teológica, no enfrentamento com movimentos neopentecostais e com a criação e disseminação de institutos bíblicos e faculdades teológicas.

Para se ter uma visão mais aclarada do assunto, o site da CGADB, na página que informa as escolas teológicas reconhecidas pela CEC/CGADB¹⁶ (Conselho de Educação e Cultura Religiosa da Convenção Geral das

¹⁴ Entrevista realizada com o Pr. Jose Carlos Santos, pastor da Igreja Assembleia de Deus do Belém em São Paulo, em 20 jun. 2009.

¹⁵ Em conversa recente com o responsável pela publicação de livros na CPAD, Pr. Professor Alexandre Coelho, esse relatou a preocupação da direção da CPAD de uns dez anos pra cá, na publicação de literatura teológica mais densa, afirmando a necessidade de “fechar as brechas editoriais” existentes na editora.

¹⁶ O Conselho de Educação e Cultura Religiosa (CEC) é o órgão normativo da educação religiosa nas Assembleias de Deus no Brasil, cabendo a ele a responsabilidade de traçar as diretrizes mestras da educação religiosa em seus diferentes níveis inspirados nos princípios fundamentais da Bíblia e de conformidade com as exigências legais. Dentre algumas atribuições do Conselho de Educação e Cultura Religiosa estão: reconhecer as instituições de ensino teológico, expedir cassar e cancelar certificado de reconhecimento, orientar na abertura de novas instituições de ensino teológico bem como as existentes, etc.. Acrescenta-se ainda à sua competência: reconhecer as instituições teológicas de ensino que atenderem as exigências das Diretrizes e Bases do Conselho de Educação e Cultura Religiosa. As instituições de ensino teológico reconhecidas deverão adaptar-se às Diretrizes e Bases do Conselho de Educação e Cultura Religiosa.

Assembleias de Deus no Brasil), existem mais de 60 escolas teológicas reconhecidas e espalhadas por todo o Brasil.

De alguma maneira estes números acima mencionados mostram o interesse da Assembleia de Deus com relação ao ensino, bem como sua preocupação em dotar seus pastores e líderes da melhor preparação possível, não apenas quanto à formação teológica, como no incentivo ao estudo em outras áreas do conhecimento.

Sendo assim, seja na tentativa de preservar sua doutrina ou distanciar seus fiéis dos avanços tecnológicos advindos da pós-modernidade, bem como das constantes investidas neopentecostais, resta às Assembleias dois caminhos a seguir: ou se adaptam aos desafios da pós-modernidade abrindo as portas aos seus fiéis mais jovens, permitindo-lhes uma melhor educação formal, dando suporte aos seus líderes para a competitividade num mercado cada vez mais acirrado, tornando-a mais competitiva não só no campo religioso, mas também fora dele, ou, do contrário estarão destinadas à exclusão e marginalização tanto dentro como fora do campo religioso, no qual, estão inseridas.

Bibliografia

- ARAUJO, Israel de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Bangu, RJ: CPAD, 2007.
- ARRINGTON, French L. e STRONSTAD, Roger, eds. *Comentário Bíblico Pentecostal – Novo Testamento*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- AS ASSEMBLEIAS DE DEUS. Bangu, RJ: CPAD, 2008.
- AS ASSEMBLEIAS DE DEUS. *Nossas Doutrinas*. Bangu, RJ: CPAD, 2008.
- BARNETT, Tommy. *Multiplicação*. Bangu, RJ: CPAD, 1999.
- Bíblia de Estudo Pentecostal*. Bangu, RJ: CPAD, 1995.
- BITUN, Ricardo. *Igreja Mundial do Poder de Deus*. Tese de doutorado, PUC-SP, 2007.
- CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Bangu, RJ: CPAD, 2001.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. "O estudo do pentecostalismo diante das mudanças de paradigmas em Ciências da Religião". In: Maraschin, Jaci (org.). *Novos paradigmas, ensaios de Pós-Graduação/Ciências da Religião*. São Paulo: Editora do IMS, 1995, p. 29-54.
- FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. Campinas, SP: Tese de Doutorado IFCH-Unicamp, 1993.
- ROMERO, Paulo. *Decepcionados com a graça: Esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal*, São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- _____. "Um panorama do protestantismo brasileiro atual". In: Leilah LANDIM (org.). *Sinais dos tempos: tradições religiosas no Brasil*. Cadernos do ISER, n. 22. Rio de Janeiro, RJ: ISER, 1989, p. 37-98.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

Internet

Sobre a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Disponível em:
< <http://cgadb.org.br/home/index.php> >. Acesso em: 03 jul. 2009.

Sobre a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Disponível em:
< <http://confradesp.blogspot.com/> >. Acesso em: 7 jul. 2009.